



# Exposições coletivas de mulheres: constituindo arquivos feministas

Kamila Bach<sup>1</sup>

 0000-0003-0059-9896

Ronaldo de Oliveira Corrêa<sup>2</sup>

 0000-0003-1894-1944

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 18, 2024. **Atas do XVIII Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 18, 2024.

DOI: 10.20396/eha.18.2024.11819

## Resumo

As exposições coletivas de artistas mulheres eclodiram nos últimos anos trazendo visibilidade para a desigualdade de gênero que marca o cenário artístico nacional. Compreendendo que ciência e tecnologia não são neutras e o arquivo como instrumento político, politizado e politizador, neste ensaio pretendo refletir como as exposições coletivas de arte contribuem para a construção de arquivos mais igualitários, ao passo que acionam acervos que registram a existência e produção de artistas, como também validam estas mulheres como profissionais da arte.

**Palavras-chave:** História das mulheres na arte. História das exposições. Arquivo. Arte e feminismo.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná - UFPR.

O cenário artístico ocidental comumente deixa as mulheres às margens, como notado e já amplamente debatido, na história da arte. Por muito tempo, em países da Europa e no Brasil, elas foram proibidas de ingressarem nas academias de belas artes, ocupando lugar de amadoras e pouco qualificadas. É apenas em 1892 que a Academia Brasileira de Belas Artes passa a aceitar mulheres como alunas oficiais. Ainda na segunda metade do século XX as produções de mulheres seguem vistas como menores e valorizando a produção de homens.

A invisibilização e desvalorização das produções artísticas feitas por mulheres tem reflexo nas exposições de arte e acervos de museus de diversas localidades, no Metropolitan Museum, em Nova Iorque, por exemplo apenas 5% das artistas na seção de arte moderna são mulheres<sup>3</sup>, já no Masp, em São Paulo, 6% das artistas do acervo em exibição são mulheres, em contrapartida, 60% dos nus expostos são de corpos femininos<sup>4</sup>.

Para além das barreiras encontradas para se tornar um artista, a construção de narrativas históricas perpetua o apagamento das mulheres, e outros sujeitos, como já apresentado por Linda Nochlin em “Por que não houve grandes mulheres artistas?”<sup>5</sup>, no Brasil temos um cenário peculiar com o amplo reconhecimento de algumas artistas mulheres, promovendo uma falsa sensação de igualdade de gênero no campo das artes,

se por um lado temos figuras femininas icônicas na história da arte brasileira, seja na condição de “fundadoras” como Tarsila e Anita, seja no papel de disruptoras de sentido, se considerarmos a dupla de Lygias, Clark e Pape, é preciso atenção que ainda na produção bibliográfica e crítica, ocorre uma obliteração das agentes mulheres em detrimento de um enaltecimento de artistas homens, muito devido à um ranço do setor em relação ao feminismo, ou qualquer produção artística de caráter mais militante que formalista.<sup>6</sup>

As mudanças começam a surgir, de forma discreta, com os questionamentos feministas e cobrança por um cenário, de fato, igualitário. As pesquisas mais recentes mostram o quão ativas estas artistas eram, buscando estar inseridas em exposições e salões, expandindo suas produções artísticas. O evidenciamento da produção de mulheres e reconhecimento destas artistas vem se refletindo na

---

<sup>3</sup> GUERRILLA GIRLS. *Do women have to be naked to get into the Met. Museum?*. 2012. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/naked-through-the-ages>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

<sup>4</sup> Iden. *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?*. 2017. <https://www.guerrillagirls.com/projects>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

<sup>5</sup> NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* SP: Edições aurora, 2016.

<sup>6</sup> TRIZOLI, Talita. *Atravessamentos feministas: um panorama de mulheres artistas no Brasil dos anos 60/70*. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação. Área de Concentração Filosofia e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2018, p.28

realização de exposições de artistas mulheres, com destaque para propostas coletivas que buscam reconhecer a extensa produção das mulheres nas artes.

No Brasil, até final do século XX a realização de exposições focadas em artistas mulheres era uma novidade conceitual, ainda que, já houvesse mostras do tipo, como a exposição *A contribuição da mulher às artes plásticas no país*, projeto de Paulo Mendes de Almeida e realizado por Mário Pedrosa entre 1960 e 1962 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a *American Women Artists* organizada por Glenna Park, Mary Dritschel e Regina Silveira em 1980 no Museu de Arte Contemporânea da USP e o *Conexus/Connections Project*, encabeçado por Josely Carvalho e Sabra Moore no Museu de Arte Contemporânea da USP em 1987<sup>7</sup>. É a partir da virada para o século XXI, nota-se um significativo aumento da realização de mostras de artistas mulheres, alinhado com a ampliação do debate, no Brasil, da desigualdade de gênero na arte.

Apesar destas movimentações e exibição do trabalho dessas artistas, a maior dificuldade encontrada ao pesquisar mulheres é localizar arquivos que tratam delas e suas produções, Ana Paula Simioni explora esta dificuldade na exposição *Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte* na Galeria 132 em São Paulo de 2022, em seu texto de catálogo<sup>8</sup> a curadora explícita a dificuldade em localizar informações básicas, um trabalho quase detetivesco e com isso se dedica em possibilitar que a mostra fosse também um arquivo.

Compreendendo o arquivo como instrumento político, politizado e politizador e estas exposições coletivas como importantes acionadores e construtores de acervos que registram a desde a existência e produção de artistas, como também validam estas mulheres como profissionais da arte.

Desarticular arquivos e dificultar que saberes marginais se articulem, são estratégias políticas para inviabilizar a existência de Outros, assegurando a reprodução de discursos e imagens hegemônicas. Ainda assim, pequenos arquivos possuem a capacidade de se formar nos “lapsos” de lembranças, confluindo imagens, palavras, resistências e lutas. As ações arqueológicas de pesquisadores, curadores e artistas trazem o que está submerso para o campo da visão e organizam referências que nos convidam para caminharmos por novos saberes. Ao passo que o arquivo inaugura o dizer e permite o início da fala, essas ações arquivistas desenham uma trilha que aos

---

<sup>7</sup> BACH, Kamila Tatiana da Cruz; CORRÊA, Ronaldo. Reflexões sobre exposições coletivas de artistas mulheres no século xx. In: Anais do 33º Encontro Nacional da ANPAP - Vidas. *Anais...* João Pessoa(PB) UFPB, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpap-vidas-421945/842142-REFLEXOES-SOBRE-EXPOSICOES-COLETIVAS-DE-ARTISTAS-MULHERES-NO-SECULO-XX>. Acesso em: 24 janeiro 2025.

<sup>8</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Mulheres artistas: nos salões e em toda parte*. São Paulo: Arte132, 2022. Disponível em: [https://arte132.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Arte132\\_Mulheres\\_Digital.pdf](https://arte132.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Arte132_Mulheres_Digital.pdf). Acesso em: 28 fevereiro 2025.

poucos se constrói como caminho, na medida que os fragmentos são coletados e articulados entre si.<sup>9</sup>

Para elucidar como as exposições podem ser instrumentos importantes na construção de arquivos que combatam a desigualdade de gênero, aciono três exposições realizadas em São Paulo entre 2018 e 2022, que são resultados de intensos trabalhos de pesquisas em torno do trabalho de mulheres artistas: *Histórias Feministas: artistas depois de 2000*, *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985* e *Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte*.

### **Histórias Feministas: artistas depois de 2000**

A exposição *Histórias Feministas: artistas depois de 2000*<sup>10</sup>, integra o ciclo de exposições *História das mulheres: Histórias feministas* que ocupou diferentes salas do Museu de Arte de São Paulo em 2019 (23 de agosto a 17 de novembro de 2019). Com curadoria de Isabella Rjeille a exposição reúne trabalhos de artistas que desenvolvem suas poéticas com base em perspectivas feministas, partindo de uma perspectiva plural sobre o conceito de feminismo e mulher e compreendendo que “(..) os feminismos são respostas às precariedades materiais, às violações físicas e psicológicas, aos silenciamentos e às subalternidades vivenciadas por mulheres diversas, ao longo de histórias patriarcais e passados muitas vezes coloniais.”<sup>11</sup>.

Assim, a mostra contou com obras 30 artistas, originárias de diversos países, são elas: Mequitta Ahuja (1976), Giulia Andreani (1985), Santarosa Barreto (1986), Yael Bartana (1970), Elle de Bernardini (1991), Ruth Buchanan (1980), Sebastián Calfuqueo (1991), Maria Emília de Campos (1945), Marcela Cantuária (1991), Carolina Caycedo (1978), Clara Ianni (1987), Carla Zaccagnini (1973), Ellen Lesperance (1971), Eva Marie Lindahl (1976) e Ditte Ejlerskov (1982), Rosa Luz (1996), Ana Mazzei (1980) e Regina Parra (1984), Virginia de Medeiros (1973), Aline Motta (1974), Rabbya Naseer (1984) e Hurmat Ul Ain (1984), Kaj Osteroth (1977) e Lydia Hamann (1979), Lyz Parayzo (1994), Julia Phillips (1985), Mónica Restrepo (1982), Mônica Ventura (1985), Tabita Rezaire (1989), Sallisa Rosa (1990), Imri Sandström (1980), Katia Sepúlveda

<sup>9</sup> SOUZA, Milena Costa de. Gênero, sexualidade e as relações paradoxais da construção de arquivos no mundo da arte. *Art&Sensorium*, Curitiba, v.5, n.2, p. 036–048 Jul.-Dez. 2018.

<sup>10</sup> HISTÓRIAS feministas: artistas depois de 2000. Curadoria: Isabella Rjeille. São Paulo: Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-feministas#:~:text=23.8%2D17.11.2019&text=Esta%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20re%C3%BAne%2030%20artistas,cruzan%20lutas%2C%20narrativas%20e%20conhecimentos>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

<sup>11</sup> HISTÓRIAS, op. cit.

(1978), Tuesday Smillie (1981) além da participação do coletivo Serigrafistas Queer (fundada em 2007) e da marca Daspu (fundada em 2005).

Além das exposições, o ciclo *História das mulheres, Histórias feministas* possui um aspecto educacional, sendo composto por oficinas, seminários, palestras e a publicação de catálogo do ciclo de exposições com textos das curadoras das exposições que fazem parte do ciclo (Mariana Leme, Lilia Schwarcz, Julia Bryan-Wilson e Isabella Rjeille) e textos complementares acerca de questões ligadas a artistas mulheres de Matheus de Andrade, Leonardo Antiqueira, Marcia Arcuri, Elaine Bortolanza, Amanda Carneiro, Beatriz Lemos, Benjamin Seroussi, Eliane Pinheiro, Ana Paula Cavalcanti Simioni, Lúcia Klück Stumpf e Talita Trizoli.

### **Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985**

A exposição *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985*<sup>12</sup>, realizada em 2018 (18 de agosto a 19 de novembro de 2018) na Pinacoteca do Estado de São Paulo com curadoria de Cecilia Fajardo-Hill, historiadora de arte e curadora venezuelana-britânica e Andrea Giunta, pesquisadora ítalo-argentina. A proposta é uma itinerância organizada pelo Hammer Museum, Los Angeles, e faz parte do projeto Pacific Standard Time: LA/LA, que envolveu pesquisa sobre artistas latino-americanas por parte das curadoras da mostra.

A proposta tinha como objetivo apresentar um mapeamento de artistas, suas práticas experimentais e a sua influência na produção artística internacional. Para isso, acionou mais de 120 artistas de 15 países, reunindo mais de 280 trabalhos em suportes variados. São elas:

- Argentina: Maria Luisa Bemberg (1922 - 1995); Delia Cancela (1940); Graciela Carnevale (1942); Diana Dowek (1942); Graciela Gutiérrez Marx (1945); Narcisa Hirsch (Germany, 1928); Ana Kamien e Marilú Marini (1935 e 1954); Lea Lublin (Polônia, 1929 - 1999); Liliana Maresca (1951 - 1994); Marta Minujín (1943); Marie Orensanz (1936); Margarita Paksa (1933); Liliana Porter (1941); Dalila Puzzovio (1943); Marcia Schwartz (1955).
- Brasil: Mara Alvares (1948); Claudia Andujar (Suíça, 1931); Martha Araújo (1943); Vera Chaves Barcellos (1938); Lygia Clark (1920 - 1988); Analívia Cordeiro (1954); Liliane Dardot (1946); Lenora de Barros (1953); Yolanda Freyre (1940); Iole de Freitas (1945); Anna Bella Geiger (1933); Carmela Gross (1946); Nelly Gutmacher (1941); Anna Maria Maiolino (Itália, 1942); Márcia X. (1959 - 2005); Wilma Martins (1934);

---

<sup>12</sup> MULHERES Radicais: arte latino-americana, 1960-1985. Curadoria: Andrea Giunta, Cecilia Fajardo-Hill e Valéria Piccoli. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/mulheres-radicaeis-arte-latino-americana-1960-1985/>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

- Ana Vitória Mussi (1943); Lygia Pape (1927 - 2004); Letícia Parente (1930 - 1991); Wanda Pimentel (1943); Neide Sá (1940); Maria do Carmo Secco (1933); Regina Silveira (1939); Teresinha Soares (1927); Amelia Toledo (1926 - 2017); Celeida Tostes (1929 - 1995); Regina Vater (1943);
- Chile: Gracia Barrios (1927); Sybil Brintrup e Magali Meneses (1954 e 1950); Roser Bru (Espanha, 1923); Gloria Camiruaga (1941 - 2006); Luz Donoso (1921 - 2008); Diamela Eltit (1949); Paz Errázuriz (1944); Virginia Errázuriz (1941); Lotty Rosenfeld (1943); Janet Toro (1963); Eugenia Vargas Pereira (1949); Cecilia Vicuña (1948).
  - Colômbia: Alicia Barney (1952); Delfina Bernal (1941); Feliza Bursztyn (1933 - 1982); María Teresa Cano (1960); Beatriz González (1938); Sonia Gutiérrez (1947); Karen Lamassonne (Estados Unidos, 1954); Sandra Llano-Mejía (1951); Clemencia Lucena (1945 - 1983); María Evelia Marmolejo (1958); Sara Modiano (1951 - 2010); Rosa Navarro (1955); Patricia Restrepo (1954); Nirma Zárate (1936 - 1999).
  - Costa Rica: Victoria Cabezas (Estados Unidos, 1950)
  - Cuba: Ana Mendieta (1948 - 1985); Marta María Pérez (1959); Zilia Sánchez (1928).
  - Estados Unidos: Judith F. Baca (1946); Barbara Carrasco (1955); Josely Carvalho (Brasil, 1942); Isabel Castro (México, 1954); Ester Hernández (1944); Yolanda López (1942); María Martínez-Cañas (Cuba, 1960); Marta Moreno Vega (1942); Sylvia Palacios Whitman (Chile, 1941); Sophie Rivera (1938); Sylvia Salazar Simpson (1939); Patssi Valdez (1951).
  - Guatemala: Margarita Azurdía (1931 - 1998)
  - México: Yolanda Andrade (1950); Maris Bustamante (1949); Ximena Cuevas (1963); Lourdes Grobet (1940); Silvia Gruner (1959); Kati Horna (Hungary, 1912 - 2000); Graciela Iturbide (1942); Ana Victoria Jiménez (1941); Magali Lara (1956); Mónica Mayer (1954); Sarah Minter (1953 - 2016); Polvo de Gallina Negra (ativo 1983 - 93); Carla Rippey (Estados Unidos, 1950); Jesusa Rodríguez (1955); Pola Weiss (1947 - 1990); Maria Eugenia Chellet (1948).
  - Panamá: Sandra Eleta (1942)
  - Paraguai: Olga Blinder (1921 - 2008); Margarita Morselli (1952).
  - Peru: Teresa Burga (1935); Gloria Gómez-Sánchez (1921 - 2007); Victoria Santa Cruz (1922 - 2014).
  - Porto Rico: Poli Marichal (1955); Frieda Medín (1949).
  - Uruguai: Nelbia Romero (1938 - 2015); Teresa Trujillo (1937).
  - Venezuela: Mercedes Elena González (1952); Margot Römer (1938 - 2005); Antonieta Sosa (Estados Unidos, 1940); Tecla Tofano (Itália, 1927 - 1995); Ani Villanueva (1954); Yeni y Nan (1977 - 1986).

A proposta expositiva ainda contou com a publicação do catálogo e ações educativas. O catálogo reúne as biografias das artistas participantes, imagens de obras, referências documentais e a pesquisa que culminou na exposição. Além de textos das curadoras, traz outros dez autores, como a curadora-

chefe do Hammer Museum, Connie Butler e Rosina Cazali. As ações educativas foram compostas por visitas educativas, com a possibilidade de ser realizada sem agendamento prévio; o “Encontro para formação de professores e lançamento do material de apoio à prática pedagógica”; conversa com artistas e curadoras, disponível on-line no site da Pinacoteca de São Paulo; e o curso “Artistas mulheres: uma história da arte no Brasil”.

As pesquisas que resultaram na exposição mostram que estas artistas tiveram papel importante para o campo artístico da América-latina ainda que não tenham recebido o reconhecimento.

### **Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte**

Em 2022 (04 de junho a 30 de julho de 2022) a Galeria 132, São Paulo, recebeu a mostra *Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte*<sup>13</sup> com curadoria de Ana Paula Simioni, segundo a curadora

A exposição é, portanto, um convite a repensar essas artistas a partir de seus próprios termos, ou seja, enquanto mulheres que procuraram atuar como artistas profissionais, que lutaram para viver de seu ofício, construir um nome próprio, contribuindo para a consolidação de um campo artístico mais institucionalizado. Diversas delas foram compreendidas como esposas, filhas ou alunas de artistas homens o que, de certo modo, as relegou a um lugar marginal que precisa ser revisto.<sup>14</sup>

A exposição reflete a longa trajetória de Simioni como pesquisadora de arte, gênero e artistas mulheres. A exposição apresenta artistas brasileiras, que ao contrário das internacionalmente conhecidas, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Lygia Clark, embora tenham uma participação ativa no sistema de arte ficaram apagadas na história de arte, como: Dorothy Bastos, Georgina de Albuquerque, Salma Mogames, entre outras.

A exposição contou com a participação de 15 artistas: Anita Malfatti (1889 - 1964), Aurélia Rubião (1901 - 1987), Bellá Paes Leme (1910 - 2006), Dorothy Bastos (1933 - 2018), Georgina De Albuquerque (1885 - 1962), Haydéa Lopes Santiago (1896 - 1980), Helena Pereira Da Silva Ohashi (1895 - 1966), Laurinda Pacheco De Carvalho Ribeiro (1906 - 1995), Lucília Fraga (1895 - 1979), Lucy Citti Ferreira (1911 - 2008), Miriam Chiaverini (1940 - 2005), Regina Liberalli (1914 - 2007), Salma Mogames (1925 - 2015), Sinhá D'amora (1906 - 2002) e Yvonne Visconti (1901 - 1965).

---

<sup>13</sup> SIMIONI, op. cit, 2022.

<sup>14</sup> Ibidem

Acompanha a exposição um catálogo que se inicia com artigo de Ana Paula Simioni que contextualiza a presença das artistas mulheres no período histórico abordado, sua inserção no sistema artístico vigente e suas possibilidades de formação e profissionais. O catálogo ainda traz uma apresentação de todas as artistas participantes, incluindo biografia e imagens de seus trabalhos, parte importante para a curadora, que em seu texto inicial reflete sobre a dificuldade de localizar informações, ainda que básicas, sobre as artistas.

### Considerações finais

A invisibilidade de mulheres, e outros sujeitos, seja na história da arte, acervos, exposições, documentos, entre outros meios, alertam para a urgência da construção de narrativas a partir de novos pontos de vista, mais diversos e plurais, que incluam indivíduos constantemente encontrados às margens<sup>15</sup>.

É necessário construir documentações e acionar mecanismos de construção de arquivos sobre sujeitos invisibilizados, possibilitando sua inserção na história da arte. Um destes mecanismos são as exposições coletivas de arte, onde através de um eixo curatorial é possível evidenciar o trabalho de um grupo de artistas.

As exposições aqui apresentadas possuem tanto aproximação quanto distanciamentos, de forma que se completam. Outras exposições, tão relevantes quanto as trabalhadas poderiam ter feito parte deste conjunto, como: *Mulheres Artistas: As Pioneiras (1880-1930)*, de 2015 na Pinacoteca do Estado de São Paulo (São Paulo/SP), *Gostem ou não — Artistas mulheres no acervo do MARGS*, de 2020 no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) (Porto Alegre/RS) ou mesmo a itinerância *Elles: Mulheres Artistas da Coleção do Centro Pompidou* do Centro Cultural Banco do Brasil em 2013 (Rio de Janeiro/RS e Belo Horizonte/MG).

Em seus aspectos institucionais, duas mostras acontecem em espaços de grande relevância nacional, e talvez internacional, o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), uma instituição privada e sem fins lucrativos, fundada em 1947 e a Pinacoteca de São Paulo Fundada em 1905 pelo Governo do Estado de São Paulo, enquanto outra, *Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte*, foi em uma galeria privada, a Arte 132, fundada em 2021. Ainda com suas diferenças é importante lembrar que as três exposições aconteceram na cidade de São Paulo, um importante centro cultural nacional.

---

<sup>15</sup> SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Dossiê Mulheres, arquivos e memórias.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 2018.

Partimos de uma exposição que apresenta artistas oriundas de diferentes países em diferentes continentes, vamos para artistas latino-americanas e fechamos com artistas brasileiras. Os períodos históricos abordados também apresentam importantes diferenças, *Mulheres Artistas: nos salões e em toda parte* traz obras ligadas ao modernismo brasileiro, a *Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985* tem como recorte temporal obras localizadas no período de 1960 a 1985 e chegamos a contemporaneidade com a mostra *Histórias Feministas: artistas depois de 2000* e sua seleção de obras do realizadas século XXI.

Talvez a semelhança mais relevante, e que fez destas exposições um conjunto para este trabalho, é o fato de serem resultados do intenso trabalho de pesquisa que existe anteriormente, realizado por suas curadoras e outros pesquisadores envolvidos. No caminho de dar luz ao trabalho destas artistas, as exposições apresentadas compõem um potente arquivo seja no próprio corpo da exposição, como em seu catálogo com conteúdos que vão além dos contidos na mostra e em suas ações educativas, propondo formação qualificada sobre o tema.

## Referências bibliográficas

BACH, Kamila Tatiana da Cruz; CORRÊA, Ronaldo. Reflexões sobre exposições coletivas de artistas mulheres no século xx. In: Anais do 33º Encontro Nacional da ANPAP - Vidas. **Anais...** João Pessoa(PB) UFPB, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/33-encontro-nacional-da-anpap-vidas-421945/842142-REFLEXOES-SOBRE-EXPOSICOES-COLETIVAS-DE-ARTISTAS-MULHERES-NO-SECULO-XX>. Acesso em: 24 janeiro 2025.

GUERRILLA GIRLS. **Do women have to be naked to get into the Met. Museum?**. 2012. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/naked-through-the-ages>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

GUERRILLA GIRLS. **As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?**. 2017. <https://www.guerrillagirls.com/projects>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

HISTÓRIAS feministas: artistas depois de 2000. Curadoria: Isabella Rjeille. São Paulo: Museu de arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/historias-feministas#:~:text=23.8%2D17.11.2019&text=Esta%20exposi%C3%A7%C3%A3o%20re%C3%BAne%2030%20artistas,cruzando%20lutas%2C%20narrativas%20e%20conhecimentos>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

MULHERES Radicais: arte latino-americana, 1960-1985. Curadoria: Andrea Giunta, Cecilia Fajardo-Hill e Valéria Piccoli. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/mulheres-radicais-arte-latino-americana-1960-1985/>. Acesso em: 28 fevereiro 2025.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** SP: Edições aurora, 2016.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Mulheres artistas**: nos salões e em toda parte. São Paulo: Arte132, 2022. Disponível em: [https://arte132.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Arte132\\_Mulheres\\_Digital.pdf](https://arte132.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Arte132_Mulheres_Digital.pdf). Acesso em: 28 fevereiro 2025.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Dossiê Mulheres, arquivos e memórias**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 2018.

SOUZA, Milena Costa de. Gênero, sexualidade e as relações paradoxais da construção de arquivos no mundo da arte. **Art&Sensorium**, Curitiba, v.5, n.2, p. 036 – 048 Jul.-Dez. 2018.

TRIZOLI, Talita. **Atravessamentos feministas**: um panorama de mulheres artistas no Brasil dos anos 60/70. Tese (Doutorado - Programa de Pós-graduação em Educação. Área de Concentração Filosofia e Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2018.

TRIZOLI, Talita. Febre Feminista: paradoxos das exposições de mulheres no Brasil. **MODOS**: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 163-210, mai.2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8672099>. Acesso em: 15 novembro 2024.